

ARQUITETURA ARQUEOLÓGICA: RUÍNAS

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação

Ana Laura Cremonezi Traina ¹

Apoio: *PIVIC Mackenzie*

Nieri Soares de Araujo ²

Higienópolis (UA) ¹

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo ²

<10436107@mackenzista.com.br>

<nieri.araujo@mackenzie.br>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias de intervenção contemporânea em ruínas urbanas, a partir do conceito de retrofit aplicado à preservação do patrimônio arquitetônico e da memória urbana. Utiliza-se metodologia qualitativa com análise comparativa de três estudos de caso localizados em Bergamo (Itália), Rio de Janeiro (Brasil) e Sevilha (Espanha), considerando aspectos históricos, projetuais e simbólicos. Os resultados indicam distintas abordagens de integração entre ruína e novo uso, destacando a importância da permanência simbólica e da narrativa afetiva no processo projetual. Conclui-se que o retrofit, quando orientado por critérios de respeito à memória e inovação programática, pode atuar como mediador entre o passado construído e os modos de vida contemporâneos.

Palavras-chave: Ruína, Retrofit, Memória, Descoberta, Inclusão

ABSTRACT

This paper aims to analyze contemporary intervention strategies in urban ruins, based on the concept of retrofitting applied to the preservation of architectural heritage and urban memory. It uses a qualitative methodology with a comparative analysis of three case studies located in Bergamo (Italy), Rio de Janeiro (Brazil) and Seville (Spain), considering historical, design and symbolic aspects. The results indicate different approaches to integrating ruin and new use, highlighting the importance of symbolic permanence and affective narrative in the design process. The conclusion is that retrofitting, when guided by criteria of respect for memory and programmatic innovation, can act as a mediator between the built past and contemporary ways of life.

Keywords: Ruins, Retrofit, Memory, Discovery, Inclusion

1. INTRODUÇÃO

As ruínas arquitetônicas, enquanto testemunhos materiais de civilizações passadas, exercem fascínio e provocam reflexões sobre a impermanência, a memória e a passagem do tempo. Constituem fragmentos de construções que, outrora inteiras e funcionais, hoje sobrevivem como marcas da história urbana e cultural. Como observa Hegel (1999), a ruína representa uma síntese paradoxal entre construção e destruição, evidenciando o diálogo contínuo entre o que permanece e o que se perde.

A percepção e o valor atribuídos às ruínas variaram ao longo dos séculos. Na Antiguidade, povos como os sumérios, egípcios, gregos e romanos associavam as ruínas à má administração ou ao declínio político, considerando que monumentos bem conservados eram expressão de poder e glória (Riegl, 1903). No Renascimento, essas estruturas passaram a ser reinterpretadas como símbolos de uma nova ordem cultural, representando, por exemplo, a vitória do cristianismo sobre o paganismo (Riegl, 1903). No século XVIII, com o Romantismo e as transformações urbanas, as ruínas adquiriram status de objeto de contemplação estética e filosófica, evocando sentimentos de melancolia e reflexão temporal.

No campo da arquitetura contemporânea, o entendimento sobre as ruínas ampliou-se, incorporando dimensões afetivas, culturais e identitárias. Segundo Pallasmaa (2005), a materialidade desgastada das construções antigas proporciona uma experiência sensorial singular, capaz de evocar na memória coletiva e individual significados profundos. De maneira complementar, Corsi (2015) ressalta que os materiais arquitetônicos funcionam como metáforas tangíveis do tempo, transformando-se em registros visíveis da passagem temporal.

Essa nova perspectiva tem impulsionado práticas de intervenção arquitetônica que buscam preservar as qualidades simbólicas e físicas das ruínas. Dentre elas, destaca-se o retrofit, definido como estratégia que visa a adaptação funcional e tecnológica de edificações antigas, sem comprometer sua integridade histórica, diferenciando-se do restauro tradicional, que prioriza a restituição formal e material da edificação (Alvarado, 2012). A discussão teórica sobre intervenções em edificações históricas também é enriquecida pelas contribuições de Viollet-le-Duc (1990), que problematiza os limites entre restauração fiel e recriação interpretativa.

A ruína urbana constitui um potente marcador da memória coletiva e da identidade de um lugar. Sua presença fragmentada no tecido urbano desperta reflexões sobre o tempo, o abandono e o potencial de ressignificação simbólica. A partir dessa perspectiva, o presente

estudo investiga o retrofit como prática projetual que reconhece a ruína não como obstáculo, mas como oportunidade de reinterpretação. Busca-se compreender como o retrofit pode reativar espaços urbanos degradados, valorizando sua história e ampliando possibilidades de uso. A análise se fundamenta em estudos de caso que evidenciam a tensão entre permanência e transformação: Relais San Lorenzo, em Bergamo (Itália); Museu de Arte do Rio, no Rio de Janeiro (Brasil); e Metropol Parasol, em Sevilha (Espanha).

A pesquisa objetiva compreender de que forma as estratégias arquitetônicas adotadas nesses projetos conciliam a preservação da memória afetiva e histórica com as exigências funcionais da arquitetura contemporânea. Ademais, pretende-se discutir diretrizes e critérios que orientam intervenções em ruínas urbanas, com foco nas seguintes questões:

1. Como preservar o valor simbólico das ruínas sem comprometer sua integridade histórica?
2. Quais os limites entre conservação, revitalização e inserção de novos elementos arquitetônicos?
3. Como garantir que esses espaços continuem a exercer funções culturais e afetivas nas dinâmicas urbanas atuais?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Formação de ruínas

Uma ruína se forma, assim como qualquer edificação exposta ao tempo, quando entra em estado de degradação parcial ou total ao longo dos anos. Esse processo resulta de uma variedade de fatores, como falta de manutenção, abandono, destruição deliberada ou efeitos de fenômenos naturais, como terremotos, enchentes ou desgaste climático.

Musgos e vegetação colonizam superfícies antes lisas, criando texturas que evidenciam a passagem do tempo. A cor original das paredes desbota, materiais oxidam e estruturas colapsam de forma gradual ou abrupta. Além desses aspectos visíveis, ocorrem transformações químicas internas, como a reação de componentes construtivos com o ambiente, promovendo o enfraquecimento dos materiais. Conforme observa Corsi (2015), este processo representa uma forma de expressividade da matéria, em que o tempo atua como um escultor silencioso, imprimindo marcas da história sobre a arquitetura.

O abandono por parte de usuários ou responsáveis pela manutenção constitui, muitas vezes, o primeiro passo para a formação de ruínas. Esse abandono cria brechas para que a

natureza e o tempo redefinem a estética e a estrutura física da edificação. Riegl (2014) amplia essa discussão ao afirmar que a percepção de valor das ruínas não se restringe ao estado material, mas envolve a forma como as sociedades as interpretam ao longo do tempo, atribuindo-lhes significados que variam do trágico ao contemplativo.

Com o avançar dos anos, o que antes era apenas um edifício degradado passa a ser considerado um documento histórico, um testemunho físico de uma época, um fragmento com potencial narrativo sobre a história de uma cidade, de um povo ou de um determinado contexto cultural.

2.2 A memória afetiva

As ruínas não são apenas elementos físicos abandonados; carregam camadas de significados, histórias e memórias, tanto individuais quanto coletivas. Representam a persistência da presença humana na paisagem, uma memória que insiste em permanecer mesmo diante do desgaste material. Pallasmaa (2012) destaca que a arquitetura pode provocar experiências sensoriais profundas, ativando emoções e recordações por meio da materialidade e da luz que atravessa os espaços.

Corsi (2015) complementa essa perspectiva ao apontar que a transformação dos materiais ao longo do tempo funciona como metáfora da própria transformação da existência humana. A materialidade da edificação mantém permanência estrutural, mas sofre alterações perceptíveis, criando atmosferas e leituras sensoriais variáveis.

No plano emocional e simbólico, Carvalho (2012) enfatiza que certos espaços despertam memórias adormecidas, trazendo à tona lembranças pessoais, afetos e sentimentos de pertencimento. As ruínas, por sua carga de passado visível, funcionam como gatilhos emocionais para observadores ou usuários.

Sejam locais de grande importância social, como antigos palácios, ou pequenos fragmentos de casas familiares, as ruínas carregam histórias. O Parque das Ruínas, no Rio de Janeiro, preserva a memória cultural intensa da mansão de Laurinda Santos Lobo e da cidade em transformação. As paredes em tijolos aparentes e estruturas metálicas recentes criam diálogo entre antigo e novo, reforçando a presença da memória afetiva na paisagem urbana.

De forma similar, o Museu de Arte do Rio (MAR) resgata não apenas a história material dos prédios originais, mas também o tecido social e cultural do entorno da Praça Mauá.

Alvarado (2012) aponta que esse tipo de intervenção constitui um gesto de leitura do espaço urbano, em que a arquitetura atua como mediadora entre camadas temporais sobrepostas.

Viollet-le-Duc (1999) ressalta que toda intervenção em patrimônio histórico envolve decisão ética: definir o que permanecerá, o que pode ser reconstituído e de que forma o futuro dialogará com as marcas do tempo.

2.3 Retrofit

O termo retrofit, originário da engenharia, tornou-se prática central na arquitetura contemporânea. Diferente do restauro, que busca recompor ou estabilizar elementos históricos, o retrofit objetiva a atualização de sistemas, usos e desempenho sem reconstrução estilística, mantendo a leitura da intervenção (Alvarado, 2012).

Historicamente, diferentes culturas adotaram posturas variadas diante da restauração. Os gregos reinterpretavam construções segundo a linguagem arquitetônica do momento; os romanos buscavam reconstrução conforme formas originais; na Idade Média, prevalecia uma abordagem pragmática, priorizando o uso imediato.

Viollet-le-Duc (1999) defendia a restauração como processo criativo, respeitando o estilo, mas permitindo inserções modernas quando necessário. Essa perspectiva difere de abordagens conservadoras, como as de Riegl (2014), que valorizavam a autenticidade das marcas do tempo.

No contexto contemporâneo, o retrofit responde à necessidade de revitalização de áreas urbanas historicamente consolidadas. Alvarado (2012) enfatiza que a prática articula respeito ao valor patrimonial, inovação tecnológica e adequação funcional. No Brasil, o Programa Requalifica Centro (Nunes, 2021) exemplifica essa abordagem, incentivando a recuperação de edifícios históricos, reocupação de espaços ociosos e valorização do patrimônio urbano.

O retrofit não se limita à recuperação de fachadas ou ornamentos; envolve atualização de sistemas estruturais, elétricos e hidráulicos, implantação de tecnologias de conforto ambiental e adequação a padrões contemporâneos de acessibilidade e segurança, preservando a essência histórica e as experiências sensoriais dos usuários.

Assim, o referencial teórico deste trabalho estabelece um olhar crítico e sensível sobre as ruínas arquitetônicas, compreendendo-as como artefatos materiais e simbólicos que exigem abordagens cuidadosas e eticamente responsáveis no campo da arquitetura e da preservação urbana.

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo é qualitativa, com foco na análise comparativa de três intervenções arquitetônicas em sítios urbanos que preservam elementos de ruínas. A seleção dos casos foi fundamentada em três critérios: 1) diversidade geográfica e cultural — Itália, Brasil e Espanha; 2) diferentes escalas de intervenção — hotelaria, museologia e espaço público; 3) distintas estratégias de articulação entre pré-existência e novo uso. A análise considerou os aspectos históricos, projetuais, simbólicos e sua inserção no tecido urbano atual. O método visa construir uma leitura crítica sobre os caminhos adotados e suas repercussões no campo do projeto contemporâneo.

A metodologia de análise foi estruturada com base em cinco parâmetros principais:

1. **Forma de descoberta das ruínas:** Avaliando se as ruínas eram conhecidas previamente e integradas desde o início ao projeto arquitetônico, ou se foram descobertas de forma inesperada durante as escavações ou fases iniciais da obra.
2. **Impacto da descoberta na releitura do projeto:** Investigando como a presença das ruínas, previstas ou não, influenciou o conceito arquitetônico, obrigando a equipe de projeto a revisar, adaptar ou mesmo redefinir as soluções inicialmente propostas.
3. **Estratégias de preservação:** Analisando os métodos adotados para garantir a integridade física e histórica das ruínas, considerando desde ações de consolidação estrutural até tratamentos arqueológicos e museográficos.
4. **Inclusão das ruínas no contexto retrofitado:** Observando como as ruínas foram integradas ao novo programa arquitetônico, seja como elemento expositivo, espaço funcional, memorial urbano ou como parte da narrativa espacial.
5. **Potencialização da memória e da qualidade arquitetônica:** Refletindo sobre como a presença e a valorização das ruínas contribuíram para reforçar a memória histórica do lugar, criar vínculos afetivos com os usuários e enriquecer a qualidade espacial do projeto.

A coleta de informações para cada estudo de caso foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica em fontes acadêmicas, consulta a relatórios técnicos, análise de documentos de tombamento, leitura de publicações institucionais, levantamento iconográfico (fotografias, plantas, cortes e registros de obra) e visitas técnicas.

3.1 Relais San Lorenzo

Em 2009, durante a construção do “Relais San Lorenzo”, hotel de luxo localizado em Bergamo Alta, Itália, foram encontradas ruínas da época do Império Medieval. O arquiteto responsável do projeto, Adolfo Natalini, optou por incorporar esses vestígios ao projeto, transformando-os no eixo conceitual da intervenção. A expansão do hotel aborda, de maneira crítica, a relação entre o novo e o antigo: elementos contemporâneos são introduzidos sem mimetizar ou competir com a preexistência, mas dialogando com ela a partir de princípios como respeito à autenticidade, legibilidade histórica e diferenciação material.

A proposta parte da filosofia de Natalini — sintetizada na afirmação “nada pode ser construído com ruínas, mas tudo pode ser construído a partir de uma ruína” — e busca criar uma continuidade entre o passado e o presente. Em vez de reconstruir ou romantizar a materialidade encontrada, o arquiteto adota uma estratégia que se aproxima do restauro, ao liberar os vestígios das camadas de terra, estabilizá-los e torná-los visíveis; e do retrofit, ao inserir um novo programa contemporâneo (café da manhã, SPA, salas de reunião) apoiado em infraestrutura moderna, desempenho atualizado e circulação adaptada.

A distinção entre restauro e retrofit, muitas vezes difusa em intervenções desse tipo, revela-se aqui de forma explícita:

- O restauro ocorre na preservação, estabilização e exposição das ruínas, permitindo a leitura das estruturas originais sem reconstituí-las ou alterar sua materialidade histórica.
- O retrofit, por sua vez, manifesta-se na adição de novos elementos arquitetônicos — circulações, pavimentos suspensos, iluminação técnica, sistemas de conforto — concebidos para coexistir com o patrimônio sem imitá-lo, garantindo funcionalidade contemporânea e reforçando a narrativa espacial.

FIGURA 1: VISTA EXTERNA RELAIS SAN LORENZO



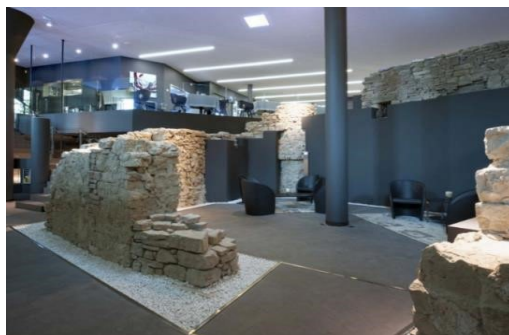
FONTE: [RELAIS-SAN-LORENZO-BERGAMO-002-06234-1110X700.JPG \(1110×700\)](#)

Ao escavar e isolar as ruínas, Natalini cria um novo porão no nível do jardim, que passa a acolher parte do programa do hotel. Sobre esse espaço arqueológico, o volume contemporâneo

é “suspenso” por três pilares de aço posicionados cuidadosamente nas áreas onde não havia vestígios. Esse gesto, além de proteger o substrato histórico, cria um sistema estrutural cuja lógica se ancora no respeito às preexistências: o passado determina a geometria e a implantação do presente.

A luz desempenha papel fundamental nessa composição. Através de aberturas na parede norte que margeia a Via della Boccola, a iluminação natural adentra o subsolo ritmicamente, revelando fragmentos de uma antiga residência romana, cisternas, pátios e pórticos. O visitante percorre esse espaço como um “museu habitado”, no qual o percurso arquitetônico é orientado não por objetos expostos, mas pela própria cidade estratificada.

FIGURA 2: PARTE DAS RUÍNAS DO RELAIS



FONTE: [HTTPS://WWW.VIMAR.COM/IT/IT/RELAIS-SAN-LORENZO-BERGAMO-11107172.HTML](https://www.vimar.com/it/it/relais-san-lorenzo-bergamo-11107172.html)

O salão de café da manhã, o SPA e os ambientes anexos constituem camadas contemporâneas legíveis e reversíveis, cuja presença não descaracteriza os vestígios, mas os potencializa. Os pilares de aço tornam-se, conceitualmente, “novas ruínas”: abstrações formais que dialogam com as colunas antigas, evidenciando a passagem do tempo e reforçando o contraste intencional entre materialidades.

FIGURA 3: SALÃO DE CAFÉ DA MANHÃ DO RELAIS



FONTE: [RELAIS-SAN-LORENZO-BERGAMO-008-06234-1110X700.JPG \(1110x700\)](#)

O projeto contemporâneo reativa um fluxo espacial de medidas históricas que qualificam o espaço urbano, estabelecendo uma nova escala de percepção para seus elementos fundamentais. O Relais San Lorenzo é o resultado da construção do espaço por meio da configuração formal de sua decomposição, de acordo com um modelo conceitual de pensar e

compor a arquitetura por meio de fragmentos, tempo, organismos não finitos e processos, em vez de objetos fechados e concluídos em uma única solução.

3.2 MAR – Museu de Arte do Rio

O Palacete Dom João VI e o edifício modernista conhecido como Terminal Rodoviário Mariano Procópio compõem o conjunto arquitetônico que abriga o Museu de Arte do Rio (MAR). O Palacete foi construído entre 1913 e 1916, pouco depois da expansão do porto do Rio de Janeiro, finalizada em 1908. Já o Terminal, inaugurado em 1950, foi a primeira estação rodoviária interestadual da cidade. Localizado na Praça Mauá, nº 10, o palacete foi originalmente projetado para sediar a Inspetoria de Portos, Rios e Canais, órgão que viria a se tornar a Empresa Brasileira de Portos (Portobrás) na década de 1970. Com estilo arquitetônico eclético, o edifício teve uso administrativo até os anos 1980.

FIGURA 4: VISTA EXTERNO DO MAR



FONTE: [HTTPS://MUSEUDEARTEDORIO.BYINTL.COM/#/EVENT/FURKIKRPPCCI4KPJEMUI](https://museudeartedorio.byintl.com/#/EVENT/FURKIKRPPCCI4KPJEMUI)

Tombado em 2000, o Palacete passou a ter sua integridade protegida, e, em 2004, o Terminal Rodoviário foi incluído na Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) do entorno do Mosteiro de São Bento, o que impediu sua demolição. Essa salvaguarda permitiu iniciar um processo de requalificação. Em 2010, uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho e a Prefeitura do Rio de Janeiro deu início às obras de restauro do Palacete e de retrofit do conjunto, no contexto do projeto Porto Maravilha.

O restauro concentrou-se na recuperação dos elementos históricos do Palacete, preservando suas características originais. Já o retrofit teve como objetivo adaptar os edifícios às novas exigências museológicas, atualizando suas estruturas e sistemas sem comprometer o valor patrimonial. Nessa fase, as colunas metálicas treliçadas e as lajes do Palacete foram reforçadas. Segundo o *Manual do Proprietário – Palacete*, toda a edificação recebeu complementos em concreto armado e estrutura metálica, permitindo reorganizar o layout para

exposições e sustentar a cobertura fluida — uma estrutura leve e sinuosa que conecta os dois edifícios e se tornou um dos marcos visuais do museu.

Durante as obras, foram encontradas estacas e vestígios arqueológicos da Praça Mauá. As estruturas pertenciam a antigos trapiches que eram armazéns usados para armazenar mercadorias de importação e exportação referentes ao porto.

FIGURA 5: ESTACAS E VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DA PRAÇA MAUÁ



FONTE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JHUGCA7QI8](https://www.youtube.com/watch?v=JHUGCA7QI8)

Além dessas estruturas, foram encontrados materiais que, de acordo com a arqueóloga Guadalupe Nascimento (2012), são provenientes dos moradores do castelo e do morro do senado e em sua maioria do século XIX. Esses materiais incluíam cerâmicas, taças e ossos tanto de animais quanto de seres humanos e a partir disso, foi possível reproduzir os padrões alimentares do século XIX e início do século XX.

FIGURA 6: VESTÍGIOS DE MATERIAIS ENCONTRADOS NO PALACETE; FIGURA 7: VESTÍGIOS DE MATERIAIS ENCONTRADOS NO PALACETE



FONTE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JHUGCA7QI8](https://www.youtube.com/watch?v=JHUGCA7QI8)

Os vestígios foram inventariados, preservados e permanecem sob guarda institucional. Não foram descartados e integram o acervo de estudos arqueológicos vinculados ao processo de tombamento, podendo ser futuramente expostos ou incorporados aos museus planejados.

Além do restauro físico, o retrofit modernizou as instalações com climatização, acessibilidade, iluminação técnica e segurança, atendendo aos requisitos de um museu contemporâneo. O projeto arquitetônico, assinado pelo escritório Bernardes + Jacobsen Arquitetura, transformou o conjunto em um equipamento cultural de referência, símbolo da

revitalização da zona portuária e da revalorização do patrimônio histórico do centro do Rio de Janeiro.

3.3 Metropol Parasol

Projetado por Jürgen Mayer H. Architects, o Metropol Parasol consolidou-se como um novo marco urbano de Sevilha. Ele explora o potencial da Plaza de la Encarnación de se tornar um novo centro urbano contemporâneo. Seu papel como um espaço urbano único dentro da densa trama urbana da cidade medieval de Sevilha permite uma variedade de atividades recreativas e comerciais

FIGURA 9: VISTA SUPERIOR DO METROPOL PARASOL



FONTE: [HTTPS://PIXABAY.COM/PT/PHOTOS/SEVILLA-SEVILHA-ESPANHA-787993/](https://pixabay.com/pt/photos/sevilla-sevilha-espanha-787993/)

O Metropol Parasol ocupa a área de um antigo convento (de la Encarnación, e daí o nome) e do Mercado Público, ambos demolidos em 1983. Este mercado, que já foi o maior da Espanha, tornou-se logo ineficaz, com problemas de trânsito e de higiene. A recuperação desta área já vinha sendo planejada desde 1968, mas até 1983 pouco se fez, e tampouco depois, já que nenhuma melhoria significativa seguiu a demolição das edificações. A área caiu em descrédito e logo ganhou a fama de ser um dos lugares feios na cidade. Com o tempo e sem qualquer atrativo a área se transformou em um estacionamento.

Após o processo de restauração do local, foram criadas quatro atrações principais, sendo elas o Mercado, o Mirante, o Piso para eventos e atrações e no subsolo foi instalado o museu arqueológico (Museo Antiquarium de Sevilha), uma vez que com as escavações para a construção do estacionamento subterrâneo veio à tona a antiga urbe romana Hispalis, com ruínas de edificações e vielas e belos mosaicos que estavam sob as ruínas do convento, além de uma casa islâmica do período almohade. Essas ruínas datam do século I a.C. e são um testemunho da rica história da cidade de Sevilha.

FIGURA 10: ANTIQUARIUM METROPOL PARASOL



FONTE: FOTO TIRADA PELA INTEGRANTE

Claraboias espalhadas pelo piso não só permitem passagem da luz, como também indicam a existência do museu, além de estabelecerem a conexão entre o burburinho do mercado movimentado e a imobilidade das escavações arqueológicas.

FIGURA 11 E 12: ANTIQUARIUM METROPOL PARASOL



FONTE: FOTO TIRADA PELA INTEGRANTE

O Antiquarium criou um espaço que dialoga entre passado e presente, integrando as descobertas arqueológicas à arquitetura contemporânea. O retrofit exemplifica como essa arquitetura pode respeitar e realçar o patrimônio histórico. Ao integrar cuidadosamente os achados arqueológicos ao design do espaço, oferece uma experiência única que celebra a rica história de Sevilha, ao mesmo tempo em que proporciona um ambiente moderno e funcional para os visitantes.

3.4 Análise Comparativa dos Estudos de Caso

Como parte da estratégia metodológica, a análise comparativa foi sintetizada na Tabela 1, que apresenta de forma clara e objetiva os aspectos mais relevantes de cada projeto com base nos critérios estabelecidos.

CRITÉRIOS	Relais San Lorenzo – Bérgamo, Itália	Museu de Arte do Rio – Rio de Janeiro, Brasil	Metropol Parasol – Sevilha, Espanha
Forma de descoberta das ruínas	Durante a construção	Durante as obras	Escavações para o estacionamento
Impacto na releitura do projeto	Adequação do projeto a ruína	Novo instrumento para entendimento da época	Criação de nova atração
Estratégia de preservação	Liberadas da terra e isoladas	Diretrizes do IPHAN (IPHAN, 2010)	Legislação espanhola
Inclusão no projeto retrofitado	Porão no nível do jardim	As estruturas foram adaptadas e revitalizadas	Antiquarium
Potencialização da memória e qualidade arquitetônica	Reativa um fluxo espacial de medidas históricas que qualificam o espaço urbano	Possibilitou o entendimento de hábitos e costumes da época	Dialoga entre passado e presente, integrando as descobertas arqueológicas à arquitetura contemporânea

A partir da análise de cada caso, foi possível perceber os diferentes métodos utilizados para intervenção e adequação do projeto após a descoberta das ruínas. A Tabela 2 aborda, de maneira sintetizada, essas informações.

CRITÉRIOS	Relais San Lorenzo – Bérgamo, Itália	Museu de Arte do Rio – Rio de Janeiro, Brasil	Metropol Parasol – Sevilha, Espanha
Adequação do projeto	Ruínas utilizadas como museu para as áreas do café da manhã (restaurante) e SPA. Adequação do espaço para incluir as ruínas.	O projeto não foi adequado para as ruínas fazerem parte. Aquilo que foi descoberto referente a estrutura, foi adaptado e restaurado, porém outros vestígios foram catalogados e armazenados em outros locais.	Ruínas são expostas como sítio arqueológico, tudo encontrado está em formato de museu para visitação ao público.

Assim, enquanto um espaço manteve as ruínas como item principal, mas não único, o outro fez com que elas se tornassem o todo do espaço. O Relais fez com que os destroços estivessem junto dos hóspedes em momentos do dia a dia, já o Metropol Parasol, trouxe unicamente a proposta de museu e sítio arqueológico, ou seja, o espaço é dedicando apenas a isso.

Já o Palacete, diferentemente dos outros dois, não utilizou as ruínas em suas obras, elas foram levadas para estudos arqueológicos.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Ao falar sobre a conservação de uma ruína, associa-se à manutenção da longevidade dos artefatos por meio de ações equilibradas de controle dos agentes de deterioração, armazenamento adequado e estabilização dos danos, a partir de tratamentos e pequenas intervenções, com o objetivo de desacelerar o processo de degradação e para que o bem material continue acessível por muitas gerações.

A revitalização, por sua vez, reestabelece dos danos decorrentes do tempo ou por fatores externos em um bem móvel ou imóvel. Neste caso, são aplicadas intervenções diretas no material deteriorado ou danificado com o intuito de recuperar a sua legibilidade, isto é, facilitar o entendimento e a apreciação do bem cultural, respeitando a sua originalidade e suas propriedades estéticas, históricas e físicas. Portanto ruínas podem ter graus de revitalização diferentes, devido a conservação ao longo dos anos.

Para iniciar a pesquisa, foram analisados os processos pelos quais qualquer ruína tende a passar. A análise dos três casos evidencia abordagens diversas quanto à integração da ruína com o novo programa. No Relais San Lorenzo, a ruína é incorporada de forma cenográfica e sensorial, promovendo a experiência imersiva do hóspede; no MAR, o elemento arqueológico é preservado com forte caráter institucional e documental; já no Metropol Parasol, a ruína constitui ponto de partida para uma estrutura multifuncional que articula memória e vivência urbana.

Essas diferentes estratégias revelam a complexidade das decisões projetuais e a multiplicidade de leituras possíveis sobre o passado construído. Constata-se que o retrofit pode operar como mediador entre memória e contemporaneidade, desde que fundado em diretrizes críticas e contextualizadas.

Relais San Lorenzo

A Cidade Alta, onde está localizado o Relais San Lorenzo, é resultado de uma construção histórica contínua. Suas rochas e estruturas preservam marcas de diferentes períodos, compondo uma paisagem que testemunha a evolução urbana de Bergamo. Por ser uma cidade de múltiplas camadas históricas — medieval, renascentista e barroca — tem uma rica trajetória artística que se manifesta em suas construções e vestígios arqueológicos. As ruínas preservadas no Relais são testemunhos concretos dessa transformação ao longo dos séculos e funcionam como um elo físico ao passado, possibilitando uma leitura geoarquitetônica que conecta a Cidade Baixa à Cidade Alta.

As escavações revelaram elementos arquitetônicos de origem romana, que ajudam a compreender como se deram as primeiras fundações da cidade. Esses achados oferecem pistas valiosas sobre aspectos do cotidiano, do comércio e da cultura da época.

Durante as obras do Relais, o arquiteto Adolfo Natalini optou por preservar as ruínas exatamente como foram encontradas, sem realizar alterações ou reconstruções. Essa escolha respeita a autenticidade do que foi descoberto, ainda que, por não se conhecer a função original das estruturas, não se possa afirmar que sua autenticidade tenha sido plenamente “restaurada”. Trata-se, antes, de uma revitalização dos destroços, mantendo-se suas características físicas originais intactas.

As escavações no Relais, portanto, refletem diretamente a história de Bergamo. Os fragmentos ali encontrados evocam a presença do Império Romano e as transformações que moldaram a cidade ao longo dos séculos. Cada vestígio arqueológico contribui para a reconstrução da narrativa histórica local, aprofundando a compreensão de sua evolução física e cultural.

MAR

A Praça Mauá, onde está localizado o Museu de Arte do Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1910 para homenagear o Barão de Mauá, que havia se tornado visconde, desenvolvendo a região com atividades ligadas ao porto.

Porém, os relatos e documentos mais antigos referentes a região, abordam o brejo situado entre os morros da Conceição e São Bento como 'Prainha' e remontam ao ano de 1575, época em que seu proprietário, Manoel de Brito, iniciava a drenagem do terreno para estabelecer uma chácara.

As estruturas e materiais encontradas durante as escavações revelam elementos arquitetônicos provenientes do século XIX. Traduzindo os costumes e padrões. Após suas descobertas, foram catalogados e estudados possibilitando o seu restauro. As ruínas evidenciaram as mudanças físicas da região ao passar do tempo, e assim contribuíram para o entendimento de épocas passadas e das transformações da Praça Mauá.

Metropol Parasol

As ruínas do Metropol Parasol representam a riqueza histórica e multicultural de Sevilha, revelando um passado romano e islâmico que estava oculto sob o solo moderno. Elas demonstram como a cidade foi construída sobre sucessivas camadas de civilizações e como essas camadas ainda podem dialogar com a arquitetura e a vida contemporânea.

5. CONCLUSÃO

A análise comparativa dos três estudos de caso — Relais San Lorenzo (Bérgamo, Itália), Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro, Brasil) e Metropol Parasol (Sevilha, Espanha) — demonstra que a preservação e integração de ruínas no contexto contemporâneo envolve um conjunto de decisões que transcendem o campo técnico, abrangendo dimensões culturais, simbólicas, normativas e de uso.

Apesar de todos os casos envolverem a descoberta de vestígios durante intervenções urbanas ou arquitetônicas, as respostas adotadas variaram significativamente em função de três fatores:

1. Contexto legal e institucional (especialmente no caso brasileiro, em que as peças foram catalogadas e retiradas do sítio);
2. Função programática e narrativa arquitetônica (ruínas como cenário e experiência imersiva no Relais, como acervo museológico no Metropol, e como material arqueológico preservado em acervo no MAR);
3. Estratégias projetuais e discursivas (do protagonismo das ruínas ao seu papel secundário no espaço requalificado).

A partir dessas questões, conclui-se que:

- Preservar o valor simbólico sem comprometer a integridade histórica exige uma abordagem que privilegie a autenticidade e a leitura clara da preexistência, evitando intervenções que “disfarcem” ou “romantizem” a ruína.

- Os limites entre conservação, revitalização e inserção de novos elementos devem ser definidos caso a caso, considerando o grau de integridade material, a relevância cultural e o potencial de integração espacial.

Nesse contexto, é fundamental distinguir claramente restauro de retrofit:

- O restauro busca recompor, estabilizar ou recuperar elementos históricos com fidelidade ao estilo e à materialidade original, privilegiando a manutenção estética e simbólica da edificação.
- O retrofit, por sua vez, objetiva a atualização funcional e tecnológica do edifício, promovendo a adaptação a padrões contemporâneos de uso, conforto, acessibilidade e segurança, sem reconstrução estilística e mantendo a leitura clara da intervenção.

Garantir a função cultural e afetiva das ruínas requer estratégias narrativas que tornem os vestígios legíveis e experienciáveis pelo público, seja por meio de percursos, iluminação, integração programática ou mediação digital.

A pesquisa evidencia que o retrofit pode atuar como mediador entre memória e contemporaneidade, desde que orientado por diretrizes críticas:

- Respeitar a autenticidade e as marcas do tempo;
- Criar camadas arquitetônicas legíveis e reversíveis;
- Atender às demandas contemporâneas de uso, acessibilidade e conforto;
- Potencializar a experiência sensorial e afetiva;
- Garantir acesso público e interpretação adequada do patrimônio.

Assim, propõe-se que futuras intervenções em ruínas urbanas sejam guiadas por um protocolo interdisciplinar, envolvendo arquitetos, arqueólogos, historiadores e gestores culturais, para que as decisões projetuais resultem não apenas na preservação física, mas na ativação simbólica e social desses espaços.

As ruínas, quando tratadas como dispositivos de memória ativa, tornam-se não apenas testemunhos do passado, mas catalisadores de identidade e pertencimento nas dinâmicas urbanas contemporâneas.

6. REFERÊNCIAS

BARTOCCI, Gabriele. Firenze Architettura. Firenze: Università degli Studi di Firenze, 2019. Disponível em: <https://flore.unifi.it/retrieve/e398c37e-82f7-179a-e053->

[3705fe0a4cff/FirenzeArchitettura20191%20pp38-45%20%28Bartocci%29.pdf](#) . Acesso em: 30 mar. 2024.

CARVALHO, Simone. Memória afetiva e fonte de informação: um estudo de caso das narrativas musicais de Teixeira. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196900/000872485.pdf?sequence=1> . Acesso em: 8 abr. 2024.

CORSI, Daniel. A expressividade do tempo na matéria arquitetônica. São Paulo: FAU-USP, 2015. Acesso em: 2 abr. 2024.

COSTA, Carlos Smaniotto. Metropol Parasol em Sevilha. Vitruvius, 2011. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/projetos/11.130/4066> . Acesso em: 11 jun. 2025.

DA SILVA, Maiane Ramos. Reabilitação de edifícios e sustentabilidade no contexto das obras do Museu de Arte do Rio (MAR). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. Disponível em: <https://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10020927.pdf> . Acesso em: 11 jun. 2025.

DE SOUSA JÚNIOR, Mário Anacleto. O conceito de ruína e o dilema da conservação em arte contemporânea. 2017. DOI: 10.11606/issn.2525-8354.v0i2p133-157. Acesso em: 2 abr. 2024.

FRYDRYCZAK, Beata. Ruins: Between Past and Present, Between Culture and Nature. Eidos, 2023. Disponível em: https://eidos.uw.edu.pl/files/pdf/eidos/2023-02/eidos_24_frydryczak.pdf . Acesso em: 1 abr. 2024.

GASPAR FONTES, Rafael. Destruição, memória e o encanto das ruínas. Revista Ciclos, 2016. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/download/9478/6543/30257> . Acesso em: 9 abr. 2024.

JARDIM, Marina. Retrofit como instrumento de sustentabilidade: reflexões do Museu de Arte do Rio. LinkedIn, 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/retrofit-como-instrumento-de-sustentabilidadereflex%C3%B5es-marina-jardim-eixnf/> . Acesso em: 11 jun. 2025.

MILL, Camilo. Crítica e análise do projeto Metropol Parasol na cidade de Sevilha. 2014. Disponível em: <https://www.trabalhosgratuitos.com/Outras/Diversos/CR%C3%8DTICA-E-AN%C3%81LISE-DO-PROJETO-METROPOL-PARASOL-NA-453938.html> . Acesso em: 10 jun. 2025.

NUNES, Ricardo. Lei nº 17.577, de 20 de julho de 2021. Prefeitura de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-17577-de-20-de-julho-de-2021> . Acesso em: 30 abr. 2024.

OLSEN, Bjørnar; PÉTURSDÓTTIR, Þóra. Ruin Memories: Materialities, Aesthetics and the Archaeology of the Recent Past. New York: Routledge, 2014. Disponível em: <https://www.book2look.com/embed/9781317695790> . Acesso em: 1 abr. 2024.

PALLASMAA, Juhani. The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses. Chichester: Wiley, 2005. Acesso em: 2 abr. 2024.

PUC-Rio. Ruínas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.pucio.br/27345/27345_5.PDF . Acesso em: 9 abr. 2024.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. Dictionnaire raisonné de l'architecture française. Paris: Éditions du Seuil, 1990. Acesso em: 2 abr. 2024.

VOLA, Gabriele; FIORA, Laura; ALCIATI, Luca. Stones used in Bergamo architecture. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259081047_Stones_used_in_Bergamo_architecture. Acesso em: 30 mar. 2024.